

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

1

Editorial

Eurídice Silva e Lúcia Leça Oliveira()*

O tema da violência escolar tem emergido num debate que se reveste ora de romantismo, ora de dramatismo. Concretizando, não tem sido infrequente verificarmos que alguns especialistas de renome e directores de algumas escolas têm tentado revestir este fenómeno de alguma inocência, alegando que sempre existiu e que, por isso, a sua relevância actual é mínima. Por outro lado, e não menos erradamente, muita da comunicação social tem diabolizado este tema atribuindo-lhe uma dimensão desproporcionada.

A nossa preocupação principal é aquela que remete para a necessidade de criar respostas às situações de violência que ocorrem nas escolas, tentando ir, assim, de encontro às necessidades dos docentes no seu quotidiano, dada esta temática se apresentar com características desafiadoras, já que não se assemelha à simples indisciplina.

A relação com a escola mudou, isso constitui o facto mais irrefutável de todo este fenómeno!

Assim, com pertinência, convém reflectirmos sobre a seguinte questão: A escolaridade obrigatória é um dado adquirido ou privilégio? Lopes (2009), no seu livro “Comportamento, Aprendizagem e “Ensinar” na Ordem e Desordem da Sala de Aula”, faz incidir alguma reflexão acerca do “menosprezo que muitos alunos exibem perante a escola (...) não se acha necessário cuidar dela como uma conquista preciosa das sociedades modernas” (pp.26), comparando a escola a um bem de consumo, olhando-a com uma certa “sobranceria”.

Também sabemos que a Escola, nos moldes em que se encontra organizada, é catalizadora de indisciplina e de comportamentos violentos. Este facto traduz-se naquilo a que Abreu (2002) designa de “práticas omnipresentes de avaliação classificativa que conduzem à exclusão, à desvalorização pessoal e à acumulação de situações de fracasso. A acumulação de experiências negativas e o insucesso repetido conduzem frequentemente a situações de antecipação do fracasso e ao conseqüente desinvestimento escolar. Instalam-se processos e mecanismos psicossociológicos e padrões comportamentais desestruturadores do auto-conceito que podem conduzir a atitudes de violência física, psicológica ou simbólica”.

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

2

Todavia, Escolas e Agrupamentos sentem que é hora de mudança deste paradigma e reorganizam e mobilizam-se para o aperfeiçoamento contínuo da sua acção .

Também sabemos que nem sempre a criança/jovem apresenta um reportório comportamental que lhe permite adequar a este processo de socialização, de forma integrada, exprimindo-se, muitas vezes, sob a forma externalizadora de violência. É evidente que este fenómeno não tem um carácter recente, mas o contexto sócio-cultural e económico actual é vivenciado por assimetrias sociais e com características contextuais bastante desorganizadoras.

Este cenário torna a escola num universo ecológico onde os professores se têm deparado com a eclosão de violência, na sua expressão de risco que lhe é inerente.

Assim, a escola/professor sente a necessidade de se dotar de um conjunto de conhecimentos e estratégias que vão muito para além das pedagógicas, de forma a promover processos de auto-regulação nos seus alunos e também na diminuição do risco (pessoal e contextual) e de promoção da protecção (pessoal e contextual).

Foi certamente com estes pressupostos e com vontade de constante mudança e melhoria que a Escola EB - 2,3 de Perafita sentiu necessidade de formação para ser mais um motor de acção e prevenção. Como é comumente vinculado que a violência ocorre no contexto escolar, e dado que este constitui um lugar onde está presente uma maior capacidade de vigilância e de contenção dos comportamentos dos alunos, esta necessidade reflecte uma preocupação não só dum agrupamento mas sim da globalidade das escolas.

Têm sido desenvolvidas uma série de intervenções dinamizadas por diversos técnicos e agentes das quais pretendemos divulgar algumas através desta revista, com a certeza de que existirá muitas outras acções de sucesso em todos os agrupamentos do concelho de Matosinhos.

Queremos agradecer a todos que conosco colaboraram e tornaram possível a publicação desta revista, o nosso muito obrigada.

() Representante da DREN na CPCJ de Matosinhos, Coordenadora do DAP, formadora do CFAE_Matosinhos, Professora do grupo 600, na Escola EB - 2,3 Passos José. Mestre em Consultoria, Gestão e Auditoria da Formação Contínua e Ocupacional.*

*(**) Psicóloga Clínica*